

## **“O GRITO DAS OPRIMIDAS”: A TEATRALIDADE DE GÊNERO COMO ENREDO TERAPÊUTICO EM UMA OFICINA PEDAGÓGICA VIRTUAL**

*"THE CRY OF THE OPPRESSED": GENDER THEATRICALITY AS A THERAPEUTIC PLOT IN A VIRTUAL PEDAGOGICAL WORKSHOP*

Vanessa Pamella Correia de Souza<sup>1</sup>  
José Washington de Moraes Medeiros<sup>2</sup>

### **Resumo**

Registra a aplicação de um produto educacional (PE) tipificado como “*Oficina pedagógica virtual: o Grito das Oprimidas*”, a qual aborda relações de gênero na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Subsidiou-se na metodologia do Teatro do Oprimido (TO) como recurso didático-pedagógico e terapêutico, especificamente, jogos, exercícios e técnicas referentes à Estética do Oprimido, oriundo de uma Dissertação de Mestrado na área de Ensino. Foi desenvolvido com meninas do Curso Técnico-integrado em Eletrotécnica, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), objetivando fomentar reflexões sobre gênero e as determinações de poder imbuídas à mulher no contexto da EPT. A expressão através da arte, o diálogo entre imagens corporais, a produção coletiva de poesias e as verbalizações reverberaram experiências institucionais opressoras, que tendem a subalternizar, subestimar, aliciar, assediar e excluir a mulher dos processos educativos na EPT. A introjeção de estereótipos e o menosprezo quanto à equidade de gênero vinculados às vivências educacionais opressoras podem induzir medos relacionados à competência profissional, característicos do Fenômeno do Impostor (FI). Geralmente, o FI é internalizado por pessoas com reconhecido sucesso profissional, mas que automenosprezam sua capacidade, seus próprios méritos, suscitando sofrimento psíquico por acharem que estão enganando os outros diante de seu desempenho. Foram destaque na oficina, o exercício do pensamento crítico relacionado à ação das questões sociais sobre as individualidades, como também os sentimentos de união e força para o enfrentamento coletivo que emanaram do encontro entre as mulheres que se autореconheceram como oprimidas da própria estrutura institucional formativa, bem como do mercado de trabalho.

**Palavras chave:** Gênero; Educação Profissional e Tecnológica (EPT); Teatro das oprimidas; Oficina pedagógica virtual “*O Grito das Oprimidas*”.

<sup>1</sup> Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Psicóloga Educacional do IFPB, Campus João Pessoa; multiplicadora do Teatro do Oprimido (TO).

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campus João Pessoa. Coordenador do LogunGen - grupo de estudo e pesquisa em gênero.

## Abstract

This article documents the implementation of an educational product (EP) entitled "*Virtual pedagogical workshop: The Cry of the Oppressed*," which addresses gender relations in Professional and Technological Education (PTE). Its methodology was based on the Theatre of the Oppressed (TO) as a didactic-pedagogical and therapeutic resource, specifically using games, exercises, and techniques related to the Aesthetics of the Oppressed. It originated from a Master's Dissertation in the area of Teaching. The EP was developed with female students from the Technical-Integrated Course in Electrotechnics at the Federal Institute of Paraíba (IFPB), aiming to foster reflections on gender and the power determinations embedded in women within the context of PTE. The expression through art, the dialogue between bodily images, the collective production of poetry, and verbalizations reverberated oppressive institutional experiences that tend to marginalize, underestimate, allure, harass, and exclude women from educational processes in PTE. The internalization of stereotypes and the disregard for gender equity linked to oppressive educational experiences can induct professional competence fears related to the Impostor Phenomenon (IP). Typically, the IP is internalized by individuals with recognized professional success who undermine their own abilities and merits, causing psychological distress by believing they are deceiving others by their performance. The workshop highlighted the exercise of critical thinking related to the impact of social issues on individualities, as well as feelings of unity and strength for collective confrontation that emerged from the encounter of women who recognized themselves as oppressed within the institutional educational structure and the job market.

**Keywords:** Gender; Professional and Technological Education (PTE); Theatre of the Oppressed; Virtual pedagogical workshop "The Cry of the Oppressed".

## Introdução: abrindo as coxias do palco

Na aurora do Século XXI, o paradigma de gênero tem ressoado com significativo impacto nas esferas socioculturais, resistindo e aparentemente postulando-se como um dos movimentos de destaque no que concerne aos ditos 'novos tempos'.

No auge da Pandemia do SARS-CoV-2 (Coronavírus), em que houve sobressaltos nos índices de violências domésticas e de gênero contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN<sup>3</sup>, e ao mesmo instante em que houve na conjuntura brasileira o arrefecimento das políticas governamentais sobre essas questões, ao que parece, a 'revolução de gênero' tem sobressaído e sobrevivido aos ditames sombrios e nefastos do neopatriarcado e/ou do que Tiburi (2020) chama hoje de '*turbotecnomachonazifascismo*', "[...] uma tecnologia ou metodologia do psicopoder,

<sup>3</sup> Sigla que designa o movimento de gênero e de sexualidade, correspondente a pessoas *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não binárias* e outros gendramentos identitários de gênero e manifestações da sexualidade.

ou seja, como uma operação de cálculo que o poder faz sobre o que as pessoas sentem, pensam e fazem” (Tiburi, 2020, p. 15), fundamentadas no fascismo.

Nesse aspecto, no Brasil, além da recente crise de saúde pública em virtude da pandemia, os/as brasileiros/as ainda enfrentam os efeitos da “[...] catástrofe social, política e econômica [...]” (Tiburi, 2020, p. 181) implementada por um governo fascista. Assim, mesmo sem entrarmos no mérito, é possível cotejarmos que a retórica misógina do presidente da república que governou o país até 2022 pode ter sido catalisador para induzir e suplantando discursos e práticas sociais de subordinação e violências às mulheres, e demais grupos humanos histórica e socialmente minoritários, exercícios de um ódio que imaginávamos arrefecidos, ou, pelo menos, eticamente contidos, como resultado das lutas e conquistas dos movimentos feministas das últimas décadas.

A propagação sociocultural de ideologias patriarcais que incutem a premissa das mulheres como naturalmente inferiores aos homens, conta com o apoio estrutural de instituições, como a família, a igreja, a escola, o Estado e, até mesmo, as leis do sistema jurídico para a sustentação da lógica da dominação masculina do patriarcado (Lerner, 2019), sendo que as relações de trabalho também compõem o rol de elementos sociais desta degradação humana.

Diante desta contextura, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), *Campus* João Pessoa, foi *lôcus* da pesquisa de Mestrado intitulada *“Fenômeno da Impostora’: (o)pressões/medos de mulheres engenheiras em relação ao lugar de si mesmas no trabalho/profissão”*. As narrativas das Engenheiras Eletricistas, egressas do IFPB, que compuseram a amostra do referido estudo revelaram a concepção machista/tecnicista, que permeia a prática de alguns docentes, cujos resultados matizaram práticas violentas, explícitas e simbólicas, contra as mulheres no contexto educacional da formação profissional e tecnológica. O Quadro 1 mostra três dos aspectos investigados e as categorias empíricas oriundas da sistematização das falas relacionadas aos mesmos.

Das mulheres que participaram, 60% concluíram o curso há menos de 4 anos, o que indica que é provável que os opressores que protagonizaram as situações de violência de gênero durante a formação educacional das engenheiras eletricitas continuem a reproduzi-las nos espaços educacionais nos quais exercem sua autoridade, isto é, como docentes e/ou gestores no IFPB.

**Quadro 1:** Categorias empíricas oriundas das dificuldades mencionadas por engenheiras eletricistas durante a graduação e no mercado de trabalho, por serem mulheres.

| ASPECTOS INVESTIGADOS                                                                                   | CATEGORIAS EMPÍRICAS                                                                |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| Dificuldades enfrentadas durante a formação por ser mulher                                              | Subestimação e constrangimentos por ser mulher                                      |
|                                                                                                         | Preconceito de gênero e sobrecarga de trabalho doméstico                            |
|                                                                                                         | Preconceito de gênero e machismo estrutural contra a liderança feminina no trabalho |
|                                                                                                         | Estereótipo de gênero e descredibilidade pessoal                                    |
|                                                                                                         | Equidade de gênero                                                                  |
| Dificuldades enfrentadas pelas mulheres na atuação como engenheiras eletricistas no mercado de trabalho | Dominação masculina e sexismo no mercado de trabalho                                |
|                                                                                                         | Preconceito e subestimação da competência técnica e socioemocional no trabalho      |
|                                                                                                         | Subjugação e resistência à liderança das mulheres no trabalho em equipe             |
|                                                                                                         | Assédio moral                                                                       |
|                                                                                                         | Avanços e inserção no mercado de trabalho                                           |
| Dificuldades/constrangimentos sofridos durante a graduação, pelo fato de ser mulher                     | Depreciação e mal-estar em sala de aula                                             |
|                                                                                                         | Descrédito intelectual, objetivação do corpo e assédio sexual                       |
|                                                                                                         | Acolhimento e tranquilidade                                                         |

Fonte: Elaboração própria.

A instituição escolar é um campo de reprodução de opressões e demais tipos de violências, como a de gênero, mas também “[...] é um campo de ação imensa que se encontra aberto às lutas feministas, chamadas então a assumir um papel original, e bem definido, no seio mesmo das lutas políticas contra todas as formas de dominação” (Bourdieu, 2012, p. 10). Comprova-se, assim, a importância e a necessidade de proporcionar espaços para debate sobre questões de gênero no IFPB, no sentido de levar os estudantes a refletir sobre como se constroem as relações sociais patriarcais que promovem a desigualdade entre homens e mulheres.

No legado histórico-cultural civilizatório, as opressões das mulheres são parte da construção subjetiva das mesmas, por isso, muitas vezes, não chegam ao nível da consciência como violências, necessitando de um processo mais sensível para perceber que “[...] a violência do poder não está apenas no seu exercício – está na sua existência!” (Boal, 2009, p.158).

### Aporte teórico: protagonismo de gênero nos enredos da EPT

No contexto do governo que esteve à frente do país até 2022, e no auge da pandemia, a dominação masculina, que se justifica e perpetua através da imposição dos papéis sociais atribuídos ao gênero, ganha ainda mais força e impregna o (in)consciente coletivo de sua superioridade latente, incondicional e intempestiva. Historicamente, tal dominação não é questionada, institui-se desde as primeiras

interações sociais e familiares, são corroboradas ao longo da formação escolar e nas relações de trabalho, ou seja, diante do seu *status* “natural” sequer chega a ser conscientemente percebida. Na sociedade patriarcal, o gênero é:

[...] uma estrutura de dominação simbólica, materializada na organização social e nos corpos, resultante de um processo de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais percebidas. Implica relação (masculino X feminino), dicotomia, assimetria, desigualdade, polarização e hierarquia. Determina identidades, qualidades e valores desigualmente atribuídos a homens e mulheres, a práticas sociais e a objetos culturais (por exemplo, as cores rosa e azul). No nível individual, o gênero corresponde a jeitos de ser/parecer. Nas relações sociais, constitui uma estrutura de dominação masculina, baseada na atribuição de valores diferenciados ao que se denomina masculino em relação ao que se denomina feminino. Logo, relações de gênero são relações de poder em que o princípio masculino é tomado como parâmetro universal (Carvalho; Andrade; Junqueira, 2009, p. 18).

Dos homens, para incorporarem os obrigatórios rudimentos da macheza e serem socialmente considerados “machos”, é exigido que demonstrem, dentre outros aspectos, o ‘orgulho fálico’, transposto através da força, coragem, objetividade e racionalidade etc., enquanto as mulheres devem apresentar os atributos estipulados para as fêmeas, dentre os quais, o ‘paradoxo virgem-pecadora/ casto-profana’, impulsionando o caráter da suavidade, paciência, emotividade, delicadeza e dom do cuidado (Santos, 2019).

As mensagens dos “manuais” sociais estão alicerçadas no sistema patriarcal, homologando-se e/ou legitimando-se cotidianamente nas relações interpessoais, nos elementos e rituais culturais, nas artes, na educação, nas instituições/esferas públicas e privada etc. (Hirata; Kergoat, 2007).

### ***(Des)igualdade de gênero e a participação da mulher na educação profissional***

Em complemento a tudo isso, no contexto histórico, sociocultural e político-econômico dominado pelo patriarcado, as atividades relacionadas ao trabalho são divididas e delegadas conforme o sistema binário sexo-gênero. Aos homens, cabem as atividades da esfera pública e produtiva que geram status e poder, enquanto às mulheres é delegado o trabalho reprodutivo, em especial, o da esfera doméstica, que é contínuo e não remunerado. Os espaços reservados às mulheres na esfera pública

são, histórica e geralmente, relacionados ao cuidado, e monetariamente pouco valorizados e/ou desproporcional em relação à força de trabalho do homem (Hirata; Kergoat, 2007).

Desse modo, a manutenção de uma ordem pautada na lógica da desigualdade necessita do uso de forças, sejam estas explícitas ou não. Assim, a dominação masculina, subjacente ao falocentrismo, é imponentemente imposta às mulheres desde cedo, suplantando uma submissão paradoxal que, por sua vez, é:

[...] resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

As mulheres, ao longo da história, conseguiram ingressar na educação e no mundo do trabalho produtivo, entretanto, isso não significa o alcance de igualdade de condições, uma vez que ainda existem áreas que são predominantemente compreendidas como de domínio masculino e apresentam assimetrias profundas entre os dois sexos como, por exemplo, Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática (CTEM) (Saavedra; Taveira; Silva, 2010).

### ***O ‘Fenômeno do Impostor’ como subsunção da relação entre os gêneros***

Conforme exclama Bourdieu (2012), é possível dizer que os efeitos dos sistemas esquemáticos de percepção, de pensamento e de ação são mecanismos engendrados pelo patriarcado na relação entre os sexos, e se introjetam de tal modo nas formas da instrução feminina (“ser mulher”) e, com esta, nas mensagens de submissão suplantadas, que a construção da subjetividade das mulheres produzem consequências que podem resvalar em vários aspectos da vida, como na autoimagem pessoal, nos relacionamentos interpessoais, nas expectativas profissionais etc., podendo deixar marcas psíquico-comportamentais severas, a exemplo da “síndrome ou fenômeno do impostor”.

O termo fenômeno impostor é usado para designar uma experiência interna de falsidades intelectuais, que parecem ser particularmente prevalentes e intensas entre um seletivo grupo de amostra de mulheres de alto desempenho. Certas dinâmicas familiares iniciais e posterior introjeção dos estereótipos sociais de papéis sexuais parecem contribuir significativamente para o desenvolvimento do fenômeno do impostor (Clance; Imes, 1978, p. 241).

De acordo com esta definição, a internalização das imposições socioculturais patriarcais relacionadas ao gênero, se não for a gênese, pode contribuir para o desenvolvimento do “fenômeno ou síndrome do impostor”. Mesmo denominado “síndrome”, o fenômeno não está classificado como doença, mas está associado a sentimentos de subestimação da própria capacidade, superestimação das capacidades dos outros, baixa autoestima, insegurança, medo de estar em avaliação, dentre outros aspectos, que podem afetar o equilíbrio, o bem-estar e a saúde mental das pessoas que tenham que lidar com as características impostoras (Clance; Imes, 1978).

As pesquisadoras Pauline Rose Clance e Suzanne Imes realizaram uma pesquisa com mulheres que apresentavam sucesso acadêmico e profissional na qual constataram que muitas delas não se consideravam competentes o suficiente para ocuparem a posição em que se encontravam, e atribuíam seu sucesso a suas habilidades sociais, a um esforço extremado, ou mesmo ao acaso, ou sorte, nunca à sua própria competência. Diante de situações em que obtinham êxito e eram elogiadas, sentiam-se impostoras, enganando os outros, e que seriam descobertas a qualquer momento (Clance; Imes, 1978). Conscientes ou não, as mensagens de submissão produzem efeitos na construção da subjetividade das mulheres que resvalam em diferentes níveis nos vários aspectos da vida, como na autoimagem pessoal e as expectativas profissionais.

Esses resultados levaram as pesquisadoras a mencionarem pela primeira vez o *impostorismo* e a criarem a *Clance Impostor Phenomenon Scale* (CIPS), escala internacionalmente validada, que objetiva verificar características do Fenômeno do Impostor possíveis de serem observadas clinicamente (HOLMES *et al.*, 1993). O instrumento investiga as percepções das mulheres sobre os medos relacionados à atuação no trabalho/profissão e foi aplicado junto às engenheiras eletricistas participantes da pesquisa “‘Fenômeno da Impostora’: (o)pressões/medos de mulheres engenheiras em relação ao lugar de si mesmas no trabalho/profissão”. Os resultados

demonstraram que, em relação ao grau de impostorismo, 11,1% da amostra apresentou grau intenso, 20% significativo, 55,6% moderado e 13,3% leve. O FI de grau intenso ou moderado pode impedir que mulheres de atingir seu potencial máximo (Clance; O'Toole, 1988).

### ***Teatro do Oprimido: arte na educação***

A expressão através da arte diversifica as possibilidades de comunicação entre as estudantes/profissionais, amplia a compreensão de si através do contato sensível e, através da interconexão e compreensão, podem, de forma mais eficaz, ler o que ocorre no campo invisível, como as políticas de subjetivação atuam em nossos corpos produzindo subjetividades conformadas. A compreensão em conjunto fortalece, pois “com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade posta em dúvida, a autoestima esfarrapada, não se pode lutar” (Freire, 2000, p. 23).

Isso posto, o Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral que reúne um arsenal de jogos, exercícios e técnicas, desenvolvidas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Pinto Boal ao longo de sua trajetória como artista e militante social. O TO destaca-se pelo “[...] apoio decidido do teatro às lutas dos oprimidos” (Boal, 2019, p.13). A práxis do teatro do oprimido tem, na essência do seu desenvolvimento, a promoção da autonomia e emancipação, o reconhecimento da existência das opressões e o fomento ao posicionamento crítico-político frente a elas (Santos, 2016). A Estética do Oprimido foca na multiplicidade das artes, além do teatro, como forma expressão dos oprimidos (Boal, 2009).

Em uma sociedade que se considera democrática, é importante criar condições para construção de cenários socioculturais que caminhem em direção à promoção da equidade de gênero. Segundo Saviani (2007), quando se nega a alguém o acesso ao conhecimento amplo, quando se furta das pessoas a condição de compreender, discutir e questionar as formas de organização da sociedade e de ocupação dos lugares sociais, impede-se o exercício da cidadania.

Não é raro que as mulheres se sintam envergonhadas e culpadas por suas tragédias subjetivas, o que as isolam e dificulta a percepção de que os eventos que acontecem com cada uma, muitas vezes, não são particulares nem naturais, mas conjunturais, culturais e historicamente opressivos. Diante desse cenário, não é difícil supor que a inibição em compartilhar suas histórias e a consequente não consciência

do jogo de forças que as violam, diante dos domínios estratégicos que as aprisionam e aos quais estão sujeitadas, desencorajam-nas a buscar alternativas de superação (Santos, 2019).

O processo de autoconhecimento das opressões vivenciadas é o primeiro passo, para, em seguida, desvendar as estruturas sociais que as produzem e, assim, pensar estratégias de luta e enfrentamento visando à superação destas. Desde que sejam pertencentes ao mesmo grupo social e submetidos às mesmas opressões, “[...] o relato individual de uma pessoa se pluralizará imediatamente: a opressão de um deles é a opressão de todos” (Boal, 1996, p. 58). Em outras palavras, do pontualmente individual ao contextualmente social e à luta coletiva.

Diante disso, no sentido de colaborar com a formação humanística na educação profissional e tecnológica e combater aos efeitos da formação cultural baseada no gênero e suas implicações, foi elaborado o roteiro da oficina pedagógica virtual “*o grito das oprimidas*” o qual desenho metodológico será exposto a seguir.

### **Encaminhamento metodológico: ganha a cena o ‘Produto Educacional’**

O roteiro da oficina pedagógica virtual propõe uma sequência de atividades que visa para facilitar o autoconhecimento das participantes e aprendizagem significativa de conteúdos vinculados às relações de gênero na EPT, a partir de suas próprias vivências. No Quadro 2 estão listados o objetivo geral, os conteúdos abordados, os recursos materiais necessários, as atividades, o tempo estimado para aplicação de cada uma e o uso recomendado de câmeras e microfones.

Algumas articulações foram necessárias para viabilizar a realização das oficinas pedagógicas virtuais. Em síntese, foram as seguintes: a) solicitação dos contatos das estudantes matriculadas no Curso Técnico-Integrado em Eletrotécnica, no caso de menores de idade, o contato dos pais/responsáveis legais; b) seleção das estudantes do sexo feminino, matriculadas no 2º ou 3º ano; c) realização de contatos telefônicos para convite e agendamento; d) criação de grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp* para compartilhamento informações relevantes anteriores à oficina e fornecimento de suporte técnico antes e no momento de acesso à sala virtual; e e) confirmação de participação através de contato individual com cada uma das interessadas no dia da oficina.

**Quadro 2:** Planejamento da roteirização da oficina pedagógica virtual

| Objetivo Geral                                                                                                                                                                                                                                                                               |                |                                                                                                                                               |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fomentar a reflexão-ação-reflexão sobre gênero e as determinações socioculturais imbuídas à mulher no processo do ensino técnico-integrado em Eletrotécnica utilizando como subsídios jogos e exercícios do arsenal do Teatro do Oprimido (TO) e atividades da Estética do Oprimido.         |                |                                                                                                                                               |
| Conteúdo Programático                                                                                                                                                                                                                                                                        |                | Recursos Materiais                                                                                                                            |
| 1. Definição de gênero;<br>2. Relações entre gênero e a educação profissional e tecnológica;<br>3. Princípios fundamentais da metodologia do teatro do oprimido;<br>4. Impactos das determinações sociais para o gênero sobre a atuação das mulheres na educação profissional e tecnológica. |                | 1. Notebook ou smartphone com acesso à internet;<br>2. Serviço de videoconferência da Plataforma Zoom;<br>3. Papel A4;<br>4. Lápis ou caneta; |
| Atividades                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Tempo estimado | Recomendação de uso de câmeras e microfones                                                                                                   |
| Chegança                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 10 min         | Micro desligado/ câmera ligada ou desligada                                                                                                   |
| Acordos técnicos                                                                                                                                                                                                                                                                             | 5 min          | Micro desligado/ câmera ligada ou desligada                                                                                                   |
| Abertura                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 15 min         | Micro desligado/ câmera ligada ou desligada                                                                                                   |
| Cruz e círculo                                                                                                                                                                                                                                                                               | 15 min         | Micro desligado/ câmera ligada                                                                                                                |
| Batizado rítmico com coreografia                                                                                                                                                                                                                                                             | 10 min         | Micro desligado/ câmera ligada                                                                                                                |
| Quanto as existem em uma?                                                                                                                                                                                                                                                                    | 20 min         | Micro ligado/ câmera ligada                                                                                                                   |
| Cinco palavras em imagens                                                                                                                                                                                                                                                                    | 50 min         | Micro desligado/ câmera ligada                                                                                                                |
| Criação de poesias                                                                                                                                                                                                                                                                           | 30 min         | Micro desligado/ câmera ligada                                                                                                                |
| Compartilhamento das impressões                                                                                                                                                                                                                                                              | 25 min         | Micro desligado/ câmera ligada ou desligada                                                                                                   |
| Avaliação da oficina                                                                                                                                                                                                                                                                         | --             | --                                                                                                                                            |

Fonte: Elaboração própria

A aplicação de cada atividade que compõe o roteiro da oficina pedagógica virtual está descrita na seção a seguir.

### **Desfecho do ato: cenários, cenas e atuação das atrizes**

A aplicação da oficina pedagógica virtual “*O grito das oprimidas*” ocorreu no dia 09 de novembro de 2021, teve duração de três horas e vinte minutos e as participantes foram cinco estudantes matriculadas no 2º ou 3º ano do Curso Técnico-Integrado de Eletrotécnica do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – Campus João Pessoa e uma egressa do Curso Bacharelado em Engenharia Elétrica do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – Campus João Pessoa, esta compôs a amostra da pesquisa “‘Fenômeno da Impostora’: (o)pressões/medos de mulheres engenheiras em relação ao lugar de si mesmas no trabalho/profissão”.

A seguir estão descritas as atividades desenvolvidas na oficina, sendo cada uma acompanhada do objetivo específico.

**a) Chegança**

O intuito desta ação foi *receber as participantes de forma acolhedora*. Destarte, no momento em que as pessoas estavam chegando à sala virtual da Plataforma Zoom, iniciou-se um diálogo informal, no sentido de promover interação entre participantes, ou seja, “quebrar o gelo”. É importante que a recepção crie condições apropriadas de boas-vindas, que seja vigorosa e acolhedora, favorecendo o envolvimento nas atividades propostas. As estudantes não se conheciam apesar de estarem matriculadas no mesmo curso.

**b) Acordos técnicos**

O objetivo deste momento era de *firmar acordos técnicos em relação ao uso da Plataforma Zoom*. Os acordos iniciais sobre o uso das câmeras e microfones da sala virtual durante a realização da oficina pedagógica virtual foram essenciais para o bom andamento das atividades e melhor proveito das participantes. Os principais pontos foram:

- Os microfones devem permanecer desligados, exceto, quando a participante for falar ou emitir sons no contexto da atividade;
- Preferencialmente, as câmeras devem estar ligadas sempre que for possível.
- Selecionar na plataforma Zoom a opção de ver apenas as caixas de quem está com a câmera ligada para facilitar a visualização das apresentações em grupo;
- Perguntar quem está acessando pelo smartphone/celular para auxiliar no acesso às salas paralelas;
- Detectar quem está com problemas de conexão para o caso de saída sem aviso prévio da sala virtual;
- Solicitar permissão de todas para iniciar a gravação.

**c) Abertura**

O objetivo deste momento era *explicar sobre os principais conceitos teóricos que embasam o trabalho*. Com isso, discutiu-se sobre o contexto em que a atividade foi elaborada e sobre as definições de patriarcado, gênero, educação profissional e

tecnológica (EPT), fenômeno da impostora e os princípios básicos do teatro do oprimido. Em pleno contexto pandêmico as estudantes estavam habituadas a momentos educacionais remotos, mas não com atividades artístico-corporais que exigem a participação efetiva e não apenas a passiva escuta, diferentemente das aulas que na maioria das vezes são expositivas. Portanto, foram descritos os detalhes sobre o formato prático da oficina. Esclareceu-se uma das premissas no trabalho do TO é que a participação nas atividades não é obrigatória, ou seja, é possível desistir ou retomar a participação em qualquer tempo, sem necessidade de justificativa, mas que o bom andamento da proposta de trabalho depende da contribuição de todas.

#### **d) A cruz e o círculo**

Nesta ação, o objetivo era *promover o aquecimento corporal e descontração das participantes*. Houve resistência quando foi necessário ligar as câmeras para iniciar o primeiro exercício, mas, timidamente, uma a uma foi ligando, até que todas ligaram.

É importante começar com movimentos simples e lentos. A cruz e o círculo é um exercício de introdução que foi escolhido para iniciar por ser simples e divertido. A mediadora, fazendo a demonstração, pediu que as participantes, diante da câmera ligada, desenhasssem um círculo no ar com a mão direita, seja grande ou pequeno. Depois, pediu que fizessem uma cruz com a mão esquerda. Em seguida, pediu o quase impossível, isto é, que fizessem as duas coisas ao mesmo tempo. Avisar que a execução perfeita do exercício é quase impossível facilita para que as pessoas se sintam mais livres para tentar e errar. As estudantes dedicaram-se a execução dos movimentos que compunham o primeiro exercício e se esforçaram para superar a timidez.

#### **e) Batizado Rítmico com coreografia**

O objetivo desta atividade era *conhecer os nomes das participantes provocando a criatividade artística*. Assim, este jogo foi escolhido por fomentar a criação de movimentos corporais e a interação entre as participantes. A dinâmica de funcionamento foi demonstrada por três vezes para que as participantes conseguissem entendê-la, talvez, devido à falta de familiaridade com esse tipo de

atividade no contexto educacional tradicional. A mediadora explicou que cada participante deveria pronunciar seu nome seguindo uma sequência de som e movimento, criando uma espécie de canção com coreografia a qual o ritmo deveria representar algum aspecto da realidade ou o estado de espírito da pessoa naquele momento. A mediadora iniciou proferindo seu nome acompanhado de um movimento corporal. Em seguida, todas as participantes repetiram, por duas vezes, o som e o movimento criado pela mediadora. Na sequência, cada uma se voluntariou expressando seu nome seguido de um movimento corporal, os quais foram repetidos por todos do grupo por duas vezes seguidas, até que todas se apresentaram. A participação sonora continuou tímida, mesmo diante dos sucessivos pedidos para dedicarem atenção especial à pronúncia dos nomes das outras estudantes. Caso alguma participante tivesse deixado de se apresentar voluntariamente, a mediadora teria que convidá-la.

#### **f) Quantos “As” existem em um A?**

Neste instante, o objetivo era *sondar acerca das determinações sociais para o gênero vivenciadas pelas participantes, fomentando a identificação entre as mesmas a partir de suas experiências*. Diante da inibição das participantes, optamos por realizar esse jogo com os microfones ligados para incentivar a reprodução dos sons, assumindo o risco de interferências técnicas, as quais não ocorreram, talvez pelo número reduzido de pessoas presentes na sala virtual.

A mediadora explicou que, espontânea e voluntariamente, uma participante deveria expressar uma emoção, ideia ou sentimento pronunciando apenas a letra “a”, explorando as várias possibilidades de sons e ritmos. Movimentos, gestos e expressões teriam que acompanhar a pronúncia no sentido de complementar a comunicação. Após isso, todas as outras participantes deveriam repetir por duas vezes o som e a expressão corporal, procurando sentir a emoção, sentimento ou ideia que está sendo comunicada. Na sequência, outra participante voluntaria-se e expressa, com a pronúncia da mesma letra, outras sensações, ideias ou emoções. Novamente, o grupo deve repetir por duas vezes. Após várias participações com a letra “a”, a facilitadora pediu para experimentarem as vogais “e”, “i”, “o”, “u”, uma de cada vez. Depois, solicitou que as participantes usassem palavras do cotidiano, “sim” com a intenção de dizer “sim”, “sim” com a intenção de dizer “não”, “não” com a

intenção de dizer “não” e “não” com a intenção de dizer “sim”. Além da artimanha dos microfones ligados, no início, foi reforçado o pedido para que se envolvessem na execução dos movimentos e sons, mas somente a partir das experimentações com a letra “i” foi que começaram a surgir propostas de forma mais espontânea. Após essas experimentações iniciais, solicitou-se que elencassem frases inteiras que ouvem em sua vida cotidiana *por serem mulheres e/ou por atuarem na educação profissional e tecnológica*, as quais estão descritas na Figura 1.

**Figura 1:** Frases ouvidas pelas estudantes de Eletrotécnica por serem mulheres e/ou por atuarem na EPT



Fonte: Elaboração própria

Neste momento da oficina, a participante engenheira eletricista ingressou na sala virtual, entretanto, apenas como ouvinte, pois estava dirigindo, desta forma, impossibilitada de interagir. Cada frase foi pronunciada de diversas formas, procurando expressar emoções, sentimentos e ideias diferentes em cada experimentação. Ao final, perguntamos com qual frase cada uma mais se identificou com o intuito de formar grupos para a atividade seguinte. Três se identificaram com a frase “Deixa que eu faço, isso é perigoso!” e duas com a frase “Essa é pra casar né?”. Como a egressa só poderia estar ouvinte, não fez opção e foi inserida pela mediadora na equipe com menor número de pessoas, equilibrando com a formação de dois trios.

#### **g) Cinco palavras em imagens**

Nesta ação, o objetivo foi *discutir acerca das percepções sobre “como é ser mulher no contexto da educação profissional e tecnológica?”*, correlacionando com as *determinações sociais para o gênero*.

Para a realização da primeira etapa dessa atividade foi necessário que cinco participantes se voluntariassem e permanecessem diante da câmera ligada e com os olhos fechados, enquanto as demais desligaram a câmera. Explicamos que seria dita uma palavra, expressão ou frase e, em seguida, as voluntárias deveriam criar uma imagem com o corpo para representar o que foi dito e, mesmo que a imagem indicasse um movimento ou a presença de pessoas ou objetos, deveria apresentar-se estática. A expressão dita foi “*ser mulher na educação profissional e tecnológica*”, ao sinal da mediadora, as imagens foram criadas e permaneceram estáticas. No momento seguinte, foi solicitado que abrissem os olhos e observassem sua própria imagem, bem como as demais. A cada uma das imagens foi atribuída um número de um a cinco, seguindo a sequência da esquerda para a direita e de cima para baixo, conforme a Figura 2.

**Figura 2:** Imagens criadas por estudantes do Curso Técnico-Integrado de Eletrotécnica que representam como se sentem enquanto mulheres no ambiente da Educação Profissional e Tecnológica



Fonte: Elaboração própria

Após todas as participantes observarem, as voluntárias desfizeram as imagens e as demais abriram as câmeras. A mediadora chamou cada número, em ordem sequencial, e todas fizeram a imagem correspondente ao número chamado. Depois de passada a sequência por três vezes, a mediadora passou a chamar os números em ordem alternada. Ressaltamos que a chamada seja lenta para que a transição entre uma imagem e outra possa ser percebida. Após experimentar

reproduzir cada uma das imagens com o próprio corpo, as estudantes sugeriram palavras ou expressões para nomeá-las, em seguida, escolheram a mais representativa para o grupo por meio de votação, assim como exposto a seguir. Diante de indecisões, foi necessário estimular celeridade na escolha.

Na composição da “imagem um” a estudante posiciona-se em frente à câmera, com a expressão de seriedade no rosto, a mão direita no pescoço e os dedos envolvendo-o. As palavras sugeridas para nomear essa imagem foram “silêncio”, “sufocada”, “calar” e “asfixia”, sendo “sufocada” a escolhida.

Na “imagem dois” a estudante está posicionada com as duas mãos abertas, juntas lado a lado e erguidas na altura do peito, o rosto de frente para a câmera com a expressão de seriedade. As estudantes associaram a essa imagem às palavras “súplica”, “demonstrar”, “migalhas” e “implorar” e elegeram “migalhas” como a mais representativa.

Na “imagem três” a estudante encontra-se em frente à câmera, com a expressão de seriedade no rosto, as mãos fechadas na altura do rosto, uma de cada lado, com os polegares estirados, um apontando para cima e o outro para baixo. As indicações para nomear essa imagem foram “dois pesos e duas medidas”, “dois lados” e “dividida”, sendo selecionada pela maioria a expressão “dois pesos e duas medidas”.

Na “imagem quatro” a estudante posiciona-se em frente à câmera, com expressão de seriedade no rosto, ergue um dos antebraços para a posição vertical, com o cotovelo flexionado, com a mão fechada e o dorso mostrado para a câmera, com a outra mão fechada, com os dedos indicador e médio estirados, juntos e posicionados horizontalmente na altura do pulso na frente do antebraço erguido. As palavras “força” e “feminismo” foram sugeridas para nomear a imagem e o grupo fez opção pela última.

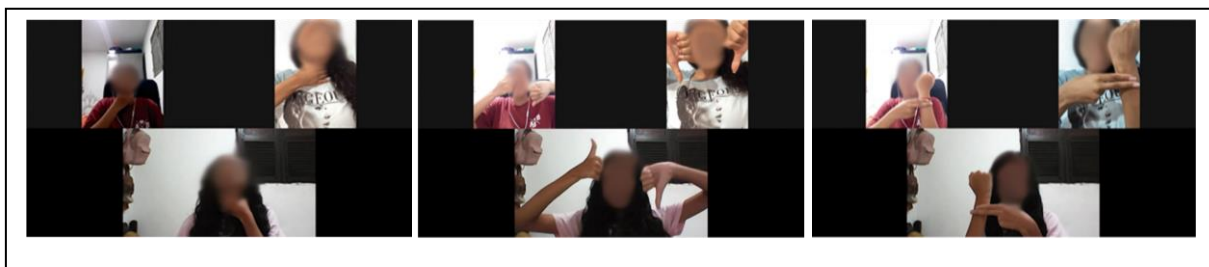
Na “imagem cinco” a estudante está com os braços relaxados, com expressão de seriedade no rosto que está posicionado bem próximo e em frente à câmera. Foram mencionadas a expressão “não temer” e a palavra “coragem” como representativas da imagem e “coragem” foi eleita.

A mediadora chamou cada imagem, desta vez pelos nomes eleitos, para que as participantes as expressem corporalmente outra vez. Na sequência, segundo a divisão realizada ao final da atividade “Quanto As existem em um A”, os grupos foram encaminhados para salas virtuais paralelas com o intuito de montarem uma sequência, utilizando no mínimo três e no máximo as cinco imagens criadas, podendo

aglutinar os movimentos, magnificar e/ou inserir sons, criando, assim, uma coreografia. Antes do encaminhamento às salas virtuais, foi esclarecido que, para otimizar a construção coletiva da coreografia, é importante que a pessoa que está sugerindo não explique com palavras ou fale sobre os significados do que está propondo, deve-se demonstrar a sequência sugerida reproduzindo os movimentos corporais e os sons para que todas as pessoas do seu grupo repitam e acrescentem suas sugestões, sempre demonstrando na prática, até que o grupo chegue a um consenso. Após cinco minutos, todos retornaram à sala virtual geral e cada grupo apresentou a coreografia criada. Ao final de cada apresentação, as participantes foram convidadas a comentar as impressões gerais sobre a sequência assistida, ressaltando que as componentes do grupo não podem opinar sobre sua própria produção. No momento dos comentários o papel da mediadora foi essencial no sentido de correlacionar as percepções entre si, com a realidade vivenciada.

O grupo “Essa é pra casar, né?” montou a sequência usando três imagens: “sufocada” – “dois pesos e duas medidas” – “feminismo”, nesta ordem, conforme apresentado na Figura 3.

**Figura 3:** Sequência das imagens apresentadas pelo grupo “Essa é pra casar, né?”



Fonte: Elaboração própria

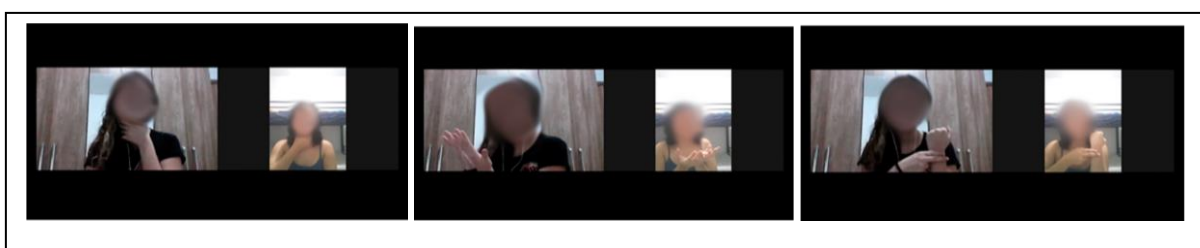
Ao final desta apresentação, as participantes do outro grupo “Deixa que eu faço, isso é perigoso!” falaram sobre as impressões gerais acerca da sequência de imagens que assistiram, estas estão expostas na Figura 4. O grupo “Deixa que eu faço, isso é perigoso!” utilizou na sua apresentação uma sequência com as imagens “sufocada” – “migalhas” – “feminismo”, conforme demonstrado na Figura 5.

**Figura 4:** Comentários do grupo “Deixa que eu faço, isso é perigoso!” sobre a apresentação assistida



Fonte: Elaboração própria

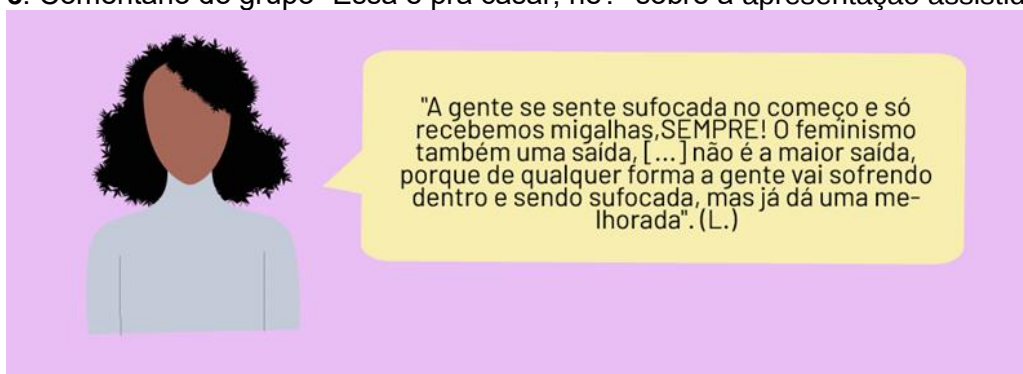
**Figura 5:** Sequência de três imagens elaborada pelo grupo “Deixa que eu faço, isso é perigoso!”



Fonte: Elaboração própria

Nos comentários acerca dessa sequência de imagens, a egressa destacou a presença do sufocamento como uma “porta de entrada” existente em meio à profissão Engenharia Elétrica e ao mundo da Educação Profissional e Tecnológica, enquanto as estudantes enfatizaram a importância do feminismo como estratégia de luta e enfrentamento, que consideraram não ser suficiente para resolver tamanha problemática, mas que pode amenizar os sofrimentos.

**Figura 6:** Comentário do grupo “Essa é pra casar, né?” sobre a apresentação assistida



Fonte: Elaboração própria

As participantes tinham a opção de utilizar no mínimo três e até todas as cinco imagens (sufocada – migalhas – dois pesos e duas medidas – feminismo – coragem), em qualquer sequência. Verificamos semelhanças entre as construções dos grupos, ambos optaram por não utilizar a imagem denominada “coragem” e montaram a sequência utilizando três das imagens, sendo “sufocamento” a primeira e “feminismo” a última.

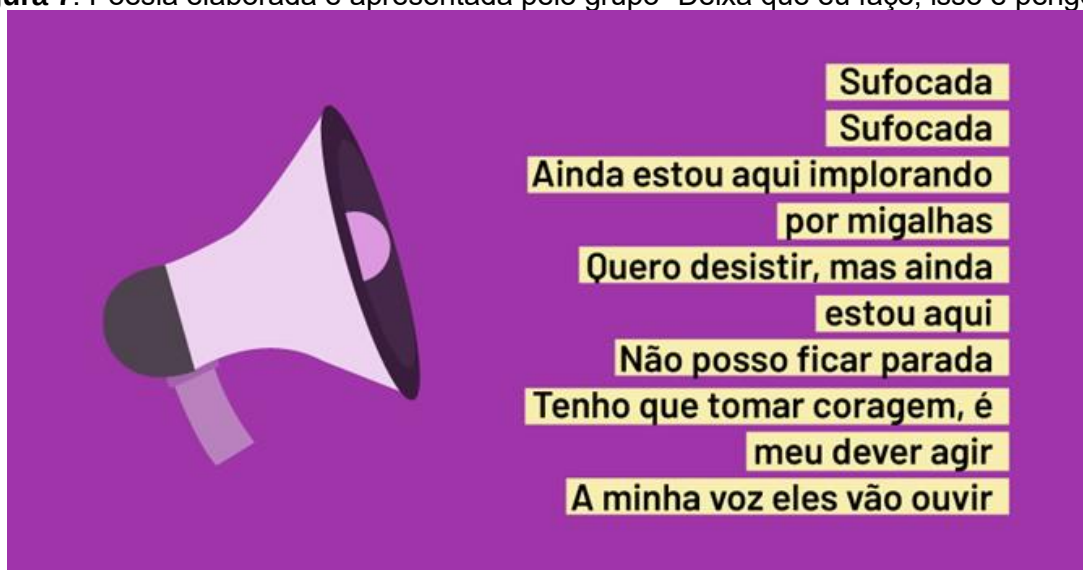
#### ***h) Criação de poesias***

Em sequência, o objetivo desta ação era *incitar o diálogo através da criação estética, transformando percepções individuais em mensagens representativas da coletividade*.

Para isso, solicitamos que fossem repetidas, em sequência direta, a coreografia criada em cada grupo na atividade anterior (cinco palavras em imagens). Os grupos foram avisados que ficariam responsáveis por observar mais atentamente a apresentação de outro e que cada componente deveria notar, individualmente, suas percepções sobre a apresentação assistida utilizando palavras ou frases que, posteriormente, seriam usadas para a construção coletiva de uma poesia. Neste momento foi importante ressaltar que o intuito é que a participante transcreva as percepções, sentimentos, ideias e emoções suscitadas a partir da coreografia, e não descrever o que está sendo apresentado. Após a nova rodada de apresentações, desta vez contínua, sem interrupções, os grupos foram designados para salas virtuais paralelas, para, em 10 minutos, elaborarem uma poesia a partir dos escritos dos componentes e planejar uma maneira de apresentá-la. Destacamos que a poesia tinha que ser escrita e declamada em versos, mas não precisava ter métrica ou rimar. Ao retornarem à sala virtual geral, um grupo por vez apresentou a poesia elaborada. Apenas quem estava apresentando ligou a câmera e microfone, as demais participantes deixaram fechados.

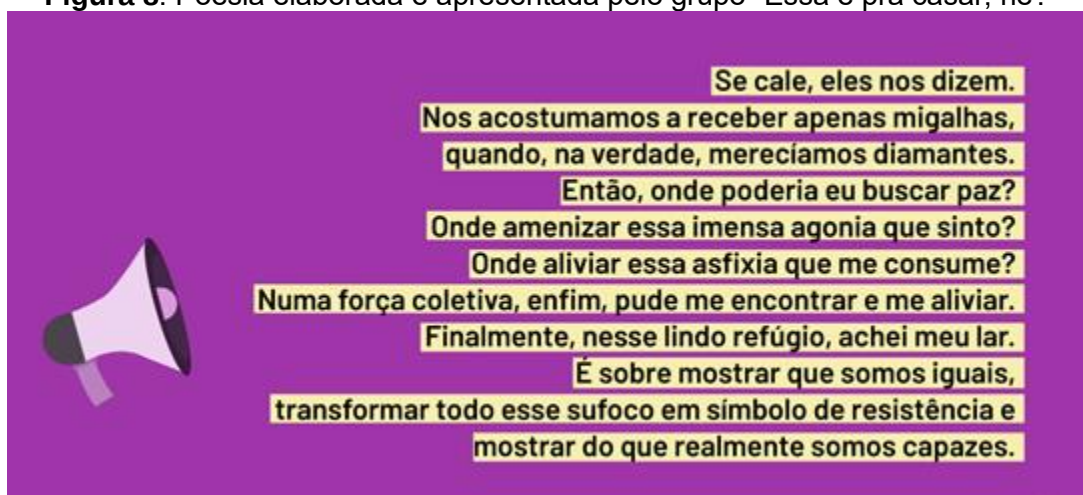
A poesia abaixo (Figura 7) foi elaborada e declamada pelo grupo “Deixa que eu faço, isso é perigoso!”, cuja apresentação foi acompanhada de uma sequência de imagens. Em seguida, o grupo “Essa é pra casar, né?” apresentou a poesia criada com uma das participantes declamando e as outras, simultaneamente, representando o texto por meio de imagens corporais. O texto da poesia está descrito na Figura 8.

**Figura 7:** Poesia elaborada e apresentada pelo grupo “Deixa que eu faço, isso é perigoso!”



Fonte: Elaboração própria

**Figura 8:** Poesia elaborada e apresentada pelo grupo “Essa é pra casar, né?”



Fonte: Elaboração própria, 2022

### ***i) Compartilhamento das impressões***

Por conseguinte, o objetivo deste momento relacionou-se a *fomentar o compartilhamento verbal das sensações, impressões, ideias e/ou emoções que surgiram durante a realização das atividades.*

Para finalizar a aplicação da atividade, solicitou-se que as participantes, voluntariamente, compartilhassem suas impressões acerca do que vivenciaram na oficina, expressando sensações, ideias e/ou emoções que surgiram durante a realização das atividades. Os comentários mencionados foram os seguintes:

**Quadro 3:** Impressões gerais das participantes acerca da oficina pedagógica virtual “O grito das oprimidas”

| <b>IMPRESSÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE “O GRITO DAS OPRIMIDAS”</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “Foi um momento bem divertido, apesar da gente não está acostumada com esse formato [...]” (J.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| “[...] conheci as meninas, a dinâmica foi super legal, as brincadeiras, foi bem criativo e forçando a gente ser criativas também, então foi muito bom.” (J.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| “Sobre o formato, foi muito bom isso de diferente da gente fazer tantos jogos, quanto todo mundo poder abrir a câmera, todo mundo poder falar, que geralmente não é uma coisa que a gente não faz na aula, isso deixa muito mais aconchegante, a gente se sente mais próxima.” (L.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| “[...] foi melhor do que eu pensava, você fez esses jogos, não foi tão sério, mas paramos para pensar nessas coisas de uma forma interativa [...]” (C.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| “Eu acho que foi muito interessante também. Inclusive eu estava comentando com as meninas que foi muito legal porque mesmo que todo mundo tenha ficado com vergonha de abrir a câmera e de falar, a gente conseguiu se conectar muito bem.” (B.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| “Eu achei bem importante esses trabalhos que a gente fez, tanto o dos gestos, como depois o poema porque teve muita coletividade, apesar da pressão do prazo pequeno que foi muita, ainda é três vezes mais difícil fazer em grupo já que cada uma tinha uma ideia diferente para apresentar. Achei muito importante ver o esforço de cada uma, a participação, para poder dar certo no final”. (L.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| “[...] foi muito importante saber que tem mais meninas que se interessam por essas coisas, porque a gente fica muito afastada, não tem tanto esse convívio de conversar sobre essas coisas mesmo.” (J.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| “[...] eu não conhecia ninguém aqui e conheci essas pessoas, foi muito interessante essa parte.” (C.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| “Na primeira impressão que eu tive eu pensava ‘Ah, vai ser uma palestra, a gente vai ficar escutando’, [todas sorriram] mas não, foi totalmente diferente, eu adorei conhecer vocês, inclusive as meninas do outro grupo com quem a gente não pôde conversar, nem se falar, depois a gente pode se falar, virar amigas... tudo certo!” (B.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| “E também essa coisa, o fato de só ter meninas aqui, eu acho mais comum ter mais meninos, pelo menos em nossa sala tem muito mais, então a gente cria uma proximidade, a gente vê que pensa as mesmas coisas e pode conhecer gente nova também”. (L.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| “Eu vejo que é muito importante levantar essas questões por que isso que vocês falaram, essas palavras, essas frases, eu vejo no dia-a-dia, é pouco tempo, mas eu convivo com mais rapazes do que com meninas, agora que está mudando a realidade, tá ficando bem diferente, tem muitas meninas na área de Eletrotécnica, nessa parte de Eletrônica.” (Ed.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| “Todas as questões que foram apresentadas aqui eu achei muito importante porque veio meio que como um gatilho do que a pessoa passa, passou, do que vai passar, um comentário que alguém faz, até mesmo de familiares que dizem ‘coisa de menino esse curso’ quando vê a gente com aqueles fios, aqueles cabos, disjuntores, ficam falando essas coisas.” (Ed.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| “Foi bom saber quem tem outras pessoas que sentem a mesma coisa que eu, que se sentem excluídas por estar em um curso de homem. Por exemplo, quando gente começou, ainda estava no presencial, teve uma semana para conhecer o IF e só ia eu e outra menina da sala, era só nós duas de meninas no meio de vários garotos e a gente se sentia literalmente excluídas ali.” (Jo.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| “Quando as aulas começaram e entraram outras meninas a gente se sentiu mais confortável na sala, mas, no início, era um sentimento de excluída literalmente, de estarem dizendo ‘aqui não é o seu lugar’. [todas balançam a cabeça em sinal de concordância] e ver que outras pessoas passaram por algo assim é muito bom.” (Jo.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| “Esse momento aqui foi muito importante, principalmente com as meninas porque são todas de Eletrotécnica, a gente pôde juntar e ver que todas passaram pela mesma coisa e que todo mundo tem a mesma visão de que isso está errado, mas como a gente é muito isolada, é um grupo pequeno de meninas por sala e, às vezes, nem nesse grupo pequeno você se encaixa, não consegue fazer amizade com as únicas meninas que têm ali, por motivos normais e diversos de ser humano mesmo. Então, a gente fica muito isolada e acaba não sabendo que existem outras meninas que pensam a mesma coisa, que passam pela mesma coisa e que a gente podia se juntar, esse momento foi muito importante para isso!” (Ju.) |
| “Com certeza, principalmente com o passar dos anos, que muitas meninas desistem do curso. Pelo menos na minha sala tinham cinco meninas quando eu entrei no primeiro ano [de uma entrada de 40 estudantes], no segundo ano só tinha três. Então, vai muita gente desistindo e vai se tornando um ambiente tóxico, [todas concordam] porque os meninos interagem mais entre si, também, algumas vezes, alguns professores soltam umas falas machistas, não deixam você fazer as coisas                                                                                                                                                                                                                          |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| sozinha porque pensam que você não tem capacidade suficiente para estar ali ou para fazer as coisas. Às vezes, a pessoa se sente não fazendo parte daquilo ali, eu mesma já pensei em desistir muitas vezes por causa disso". (B.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| "A gente acaba aderindo a esse pensamento deles, e leva para si própria, você começa a achar que não é capaz, [todas balançam a cabeça em sinal de concordância], como ela falou, você pensa em desistir porque você se sente mais burra. Isso que ela falou sobre os professores é real, a maioria dos que eu tenho são gente boa, mas eles sempre reforçam em perguntar aos meninos, é muito raro eles chegarem a perguntar alguma coisa para a gente, é algo muito estereotipado." (L.)                                                                                                                                          |
| "Outra coisa, inclusive entre os cursos, no próprio IF, entre os alunos, eles sempre falam que as meninas são para Controle Ambiental e Instrumento Musical, nunca para os cursos de exatas. Muito estereótipo, é como se realmente lá não fosse nosso lugar, literalmente, como se a gente fosse muito burra para estar lá, mas a gente passou igual a todo mundo, enfim..." (L.)                                                                                                                                                                                                                                                  |
| "Teve uma atividade de matemática realizada em dupla e eu fiquei com um menino e terminei primeiro que ele, então, perguntei se ele queria ajuda. Ele respondeu: 'Nossa, pelo seu jeito, assim, eu não achava que você não sabia matemática.'" (Ju.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Então, é sempre, não verbal e verbal, você está o tempo todo sendo inferiorizada, como se a qualquer momento você fosse fazer algo de errado, até os professores mesmo estão em cima de você, sempre checando duplamente o que você está fazendo, porque você não tem capacidade para fazer sozinha, então você precisa de um 'extra'. E você sente que não é porque quer que você seja melhor [APRENDA], mas sim porque não confiam que você vai fazer no mesmo nível que os meninos, principalmente em matérias técnicas, onde se mexe com ferramentas e ferramenta não é uma coisa feminina, então, é bem complicado isso. (Ju.) |

Fonte: Elaboração própria

#### ***j) Avaliação da oficina pedagógica virtual Gênero e Educação Profissional e Tecnológica***

A dinâmica correspondente a este momento teve como objetivo *avaliar a oficina pedagógica enquanto recurso educacional*.

Com isso, através da avaliação da oficina pedagógica virtual, as participantes puderam destacar os pontos fortes e as fragilidades identificadas no desenvolvimento das atividades, além de dar sugestões para aprimoramento das mesmas através do preenchimento de um formulário *online*, aos moldes de uma breve enquete. O *link* de acesso ao formulário foi enviado pelo *chat* no momento final da atividade para que respondessem em momento posterior ao encerramento da oficina. As respostas estão sistematizadas a seguir de acordo com cada tópico avaliado.

As participantes consideraram a temática "Gênero e Educação Profissional e Tecnológica" interessante e interativa. Destacaram que o encontro proporcionou identificação entre elas e as fez perceber que passam pelos mesmos problemas, assim, puderam não se sentir sozinhas.

A realização na modalidade virtual foi entendida como organizada, nova, divertida e interessante, entretanto, também destacaram os problemas de conexão e ressaltaram que a experiência no presencial seria melhor.

Os exercícios, jogos e técnicas utilizadas na oficina foram compreendidos como criativos, divertidos, interessantes, fáceis de realizar virtualmente, melhor do que apenas sentar e ouvir. Propiciaram enquanto recursos didático-pedagógicos o treino da memória e da criatividade de forma confortável, possibilitaram sair da zona de conforto e estimularam o trabalho em equipe, assim como, permitiu não se sentirem sozinhas na causa ao ver que outras mulheres sofrem as mesmas situações diariamente.

A distribuição do tempo foi bem avaliada, de início, pareceu longa devido à proposta de três horas, mas a execução espontânea das atividades proporcionou a sensação de que passou “rápido”. Uma das participantes destacou que necessitaria de mais de vinte minutos para melhor desenvolvimento do poema, enquanto outra ressaltou os problemas de conexão. Realmente ocorreram problemas de conexão, mais concentrados no momento de construção da poesia, desta forma, esse ponto será repensado para aprimoramento na próxima aplicação.

Sobre sensações, pensamentos, ideias e/ou emoções despertadas na experiência da oficina, foi destaque o conforto, a felicidade e a maior conexão consigo ao saber que as experiências negativas que vivenciam são comuns a outras meninas e fruto da sociedade machista na qual estão inseridas. Conhecer pessoas novas que se identificam com o desejo de mudança suscitou boas sensações.

As participantes destacaram os pontos mais relevantes da atividade de acordo com suas concepções. Citaram como positivos os jogos, as interações, a união, a troca de experiências e o incentivo à criatividade, bem como conhecer outras pessoas e debater assuntos sérios de maneira leve. Uma das estudantes considerou como pontos altos a produção do poema, o compartilhamento de vivências e a sensação de ser ouvida.

Entre os aspectos a serem revistos, comentou-se a necessidade de lançar mais temas envolvendo o assunto principal para incentivar a interação, bem como cuidar da organização da plataforma para não ocorrerem imprevistos. O tempo de duração da videoconferência estava limitado a quarenta minutos, isso ocasionou o encerramento da vídeochamada durante a oficina por duas vezes, exigindo a reconexão de todas. Esse aspecto será aprimorado para que na próxima aplicação a videoconferência tenha limite de tempo superior à duração.

No campo reservado para outras observações, registraram mensagens de satisfação e gratidão pela experiência, com destaque para leveza e descontração do

momento que criou uma atmosfera de segurança para compartilhamento de situações sérias.

As narrativas das participantes revelam que a oficina pedagógica virtual constituiu-se em um momento significativo no qual puderam se conectar com novas pessoas através do compartilhamento das vivências na educação profissional e tecnológica relacionadas ao gênero e perceber que as opressões que vivenciam geram repercussões na subjetividade influenciando na autoimagem, na confiança em si e até nos desejos relacionados à área profissional. O sentimento de coletividade expresso durante as atividades foi exaltado e, empaticamente, puderam perceber que outras mulheres vivenciam as mesmas situações de opressão na EPT, isto é, que não estão sozinhas.

Esta primeira experiência de aplicação da oficina nos proporcionou, além das aprendizagens, uma bela surpresa e alguns imprevistos expostos no Quadro 4.

**Quadro 4:** Bela surpresa e imprevistos da aplicação da oficina “O grito das oprimidas”.

|                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Bela Surpresa</b> | A inserção, por engano, de uma das egressas no grupo de mensagens possibilitou a participação de uma mulher com experiências na formação educacional e profissional que enriqueceram as discussões. O equívoco foi percebido pela mediadora e pela Engenheira Eletricista, que observou que as participantes eram garotas muito jovens para serem suas colegas de profissão, mas optou por continuar participando.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Imprevistos</b>   | <p>a) No início, algumas não conseguiam conectar o áudio, por não perceberem a mensagem inicial do zoom de permissão de compartilhamento do microfone. Após orientações técnicas, a maioria conseguiu acessar, com exceção de uma que, após tentar inúmeras vezes, ficou sem conexão;</p> <p>b) Ao final do momento de abertura, a mediadora perdeu a conexão e só conseguiu restabelecer após cerca de 8 minutos;</p> <p>c) Ao finalizar o primeiro exercício, o limite de tempo da sala virtual expirou e a vídeo chamada foi encerrada. Assim, todas precisaram acessar o link novamente. No segundo acesso, a plataforma retirou o limite de tempo e conseguimos ir até o final da oficina;</p> <p>d) Nas salas virtuais simultâneas não tem a opção de inserir uma participante após a abertura das salas. Assim, nos momentos em que o trabalho era em grupo e uma das participantes perdia a conexão, ao esta retornar era necessário encerrar a sala e reabrir para inseri-la. Essas interrupções tornaram necessário ampliar o tempo para a produção dos grupos, em especial, das poesias.</p> |

Fonte: Elaboração própria

### **Cena final: o último ato de uma peça sem fim...**

A aplicação da oficina pedagógica virtual deu visibilidade às contradições que habitam o IFPB, espaço educacional que se apresenta como cenário de violências e, ao mesmo tempo, assume como missão formar cidadãos para colaborarem com a construção de uma sociedade inclusiva, justa e democrática.

Os momentos possibilitaram ouvir “O Grito das Oprimidas” na revelação das opressões vivenciadas e, até então, silenciadas, fomentar as reflexões e, ao final, presenciar a força e a união construídas no compartilhamento de experiências e os relatos de sentimento de alívio e alegria pelo encontro com semelhantes, comprovando assim, o alcance dos objetivos. A clareza e maturidade das estudantes do ensino médio técnico-integrado em Eletrotécnica foram surpreendentes!

Facilitar a oficina constituiu-se em significativa experiência de aprendizagem e aprimoramento pessoal e profissional, além disso, fortaleceu a vontade de enfatizar o trabalho sobre gênero e enfrentamento das opressões com meninas e mulheres do IFPB, assim como, de levar essas questões ao debate entre docentes e outros profissionais educadores que atuam na Instituição.

As demandas de transformação social exigem pensamento crítico e atitudes dos profissionais intelectuais, neutralidade é confirmação do estado de coisas. Precisamos desenvolver uma educação democrática que considere a arte e a poesia como meios para a produção científica e para o desenvolvimento do pensamento crítico, indispensável para a transformação das subjetividades (Tiburi, 2020).

É necessário acreditar que a presença das mulheres em todos os espaços sociais beneficiará a sociedade. É preciso ter consciência de que não é simples trabalhar em contraposição aos interesses do patriarcado e suas formas de suscitar a violência, inclusive, na escola. Entretanto, é preciso perseverar e articular ações entre as oprimidas e os parceiros que são solidários à luta. Este é um dos caminhos possíveis a seguir, diante dos vários atos a serem protagonizados pelas mulheres nos teatros reais de suas próprias existências.

## Referências

BOAL, A. **O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, 16ª ed.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019, 1ª ed.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, M. E. P. de; ANDRADE, F. C. B. de; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e Diversidade Sexual**: um glossário. João Pessoa, Centro de Educação UFPB, 2009. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/genero-e-diversidade-sexual-um-glossario>> Acesso em: 11 fev. 2021.

CLANCE, P. R.; IMES, S. A. The Imposter Phenomenon in High Achieving Women: Dynamics and Therapeutic Intervention. **Psychotherapy Theory, Research and Practice**, v. 15, n. 3, p. 241-247, 1978.

CLANCE, P. R.; O'TOOLE, M. A. The imposter phenomenon: An internal barrier to empowerment and achievement. In: ROTHBLUM, E. D.; COLE, E. **Treating Women's Fear of Failure**: From Worry to Enlightenment. Nova Iorque: Haworth Press, 1988. Disponível em: <[https://www.paulineroseclance.com/pdf/ip\\_internal\\_barrier\\_to\\_empwrmnt\\_and\\_achv.pdf](https://www.paulineroseclance.com/pdf/ip_internal_barrier_to_empwrmnt_and_achv.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2020.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 10 out. 2020.

HOLMES, S. W. *et al.* Measuring the Impostor Phenomenon: A Comparison of Clance's IP Scale and Harvey's I-P Scale. **Journal of Personality Assessment**, v. 60, N. 1, p. 48-59, 1993. Disponível em: <<https://www.paulineroseclance.com/pdf/MeasuringIPComparison-H.pdf>> Acesso em: 26 jan. 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

SAAVEDRA, L.; TAVEIRA, M. do C.; SILVA, A. D. A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: factores explicativos e pistas para a intervenção. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 1, jan./jun., 2010, p. 49-59. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203016888006>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

SANTOS, B. **Teatro do oprimido**: raízes e asas – uma teoria da práxis. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SANTOS, B. **Percursos estéticos: imagem, som, ritmo, palavra**: abordagens originais sobre o Teatro do Oprimido. São Paulo: Padê editorial, 2018.

SANTOS, B. **Teatro das Oprimidas**: estéticas feministas para poéticas políticas. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n. 34, jan./abr., p. 152-180, 2007. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2021.

TIBURI, M. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar**. Rio de Janeiro: Record, 2020.